Primavera
Foto Kieseler
mocidade portuguesa feminina

SUMÁRIO

Obra das Mães pela Educação Nacional
«MOCIDADE PORTUGUESA FEMININA»

Direcção, Administração e Propriedade do Comissariado Nacional da Mocidade Portuguesa Feminina. — Redacção e Administração: Comissariado Nacional da M. P. F., Praça Marquês de Pombal, n.º 8 — Telefone 46134 — Directora e Editora: Maria Joana Mendes Leal. — Arranjo gráfico, gravura e impressão da Neogravura, Limitada-Lisboa

N.º 84
ABRIL
1946

Assinatura ao ano 12$00 Escudos — Número avulso 1$00 Escudo

Foto: *Ilönne*

Quando a Primavera é esperança

Já vão depressa aloirar os trigos...
A' volta dos beirais já as andorinhas escolhem o canto para os ninhos...
Por toda a terra de Deus — que frescura e que alegria!
E' a terra em festa!
Canção da terra em louvor do Senhor!
Bemdito seja! Bemdito seja!

* * *

A primavera das almas — ó Mocidade! — és tu.
E ainda Deus não deu ao mundo espectáculo como este quando a Mocidade veste a alma das galas de todas as virtudes:

Mocidade casta e pura,
Mocidade humilde,
Mocidade modesta e simples,
Mocidade sensata...
...temente a Deus e servidora dos próximos que sofrem e penam no corpo e no espírito...
...trabalhadora e sacrificada.

Era assim que o Senhor quiz o mundo da mocidade.
E tu que sentes a alegria da primavera, sentes que tens lá dentro de ti frescura e paz:

...a paz do coração,
...a frescura da alma bela e branca?...

* * *

Mas isto mesmo é que nos falta. Por entre as dores e as preocupações dos que governam e dos que sofrem, logo se adivinha que o pior de tudo: pior do que o grão que falta nas mesas dos pobres, e das agruras que deixou a guerra, e das penas que carregam a humanidade pior que tudo:

são as almas sujas,
os corações maus,
o homem não ter paz e alegria.

E aqui tens a tua missão: **sê semeadora de Beleza e de Santidade.**

* * *

Aceita esta missão como um dôce encargo que depois cumprirás cuidadosa e vigilante certa de que não ha outra nem mais necessária, nem mais oportuna.
Espalhem os teus olhos: serenidade;

e as tuas faces: alegria branca;
e o teu coração ande puro;
e o teu interior cheio de Deus;
e a tua alma, na Sua graça;
e as tuas maneiras: carinhosas, caritativas, boas...
generosas e renunciadas.

Na escola e no lar — na rua e na igreja, por toda a parte onde Deus te leve ou te coloque, sê assim, sê assim!

* * *

Já a terra é uma grande promessa.
Já espreitam as espigas a olhar o Ceu.
Já rebentam as nascentes fartas de regas.
As árvores todas vestidas — vestidas de noivas.
E' um noivado toda a Creação de Deus a cantá-l'O — a bendizê-l'O.
E o mundo é mais feliz quando chega a primavera...
Faze esta caridade aos homens, ó Mocidade: sê para eles a primavera.
Como noivas na madrugada das suas festas, alindai com esmero e carinho, em vista de agradar em simplicidade e candura, a vossa vida toda — e ponde-vos a passear por entre os homens torturados, carregados sobre o fardo da vida — e dizei-lhes, e cantai-lhes:

a canção da vida,
a esperança de viver,
a confiança em Deus,
o amor aos homens.
A Paz! A Paz!

Quando a primavera é esperança, quando a mocidade não falha, nem mente, nem abandona os seus postos,
quando a Mocidade cumpre e zela os direitos de Deus e os direitos da Párria...
quando a Mocidade é primavera...
que **Esperança!**
que **Esperança!**

G. A.

Camaradagem

O prometido é devido

por MARIA AMALIA FONSECA

A Ermelinda esperava pela Maria Antónia à porta da rua para a acompanhar até à estação.

Entretanto a Tó, rodeada pelos irmãos, pela mãe, pelo pai e pela velha ama fazia as suas despedidas.

— Tó, meu amor, olha por ti! Sê prudente e quando chegares a Coruche telefona logo. Ouviste, querida filha?

Maria Antónia beijou a mãe com ternura, pegou nas duas malas de mão, mas o Zé, todo desembaraçado, não o consentiu.

— Eu levo as malas até ao «eléctrico».

O Zé era um rapaz muito catita, seria completo se não tivesse aquele estúpido vício da bola que tanto fazia sofrer as solas e os fatos. Porisso a Tó, enquanto desciam as escadas, recomendava-lhe:

— Agora veja lá o que faz! E' o mais velho tem de se fazer respeitar pelos manitos pequenos. Não faça distúrbios...

— Fique descansada, Tó, a mãe não há-de ter razão de queixa... mas... nisto ouviram o chôro do Chiquinho que gritava a bom gritar pela «xua rica Tó».

Aquilo aumentou a emoção da pobre Maria Antónia. Tinha a cara molhada pelas lágrimas quando beijou a Ermelinda.

— O' Maria Antónia, coitadinho dele, manda buscá-lo, eu levo-o até à estação.

— E' verdade! Que boa ideia Ermelinda! E's um anjo! Zé! o menino vá lá acima, pergunte à mãe se o Chiquinho pode vir connosco e depois diga à ama para lhe vestir o casaco mais grosso. Depressa, senão perdemos o combóio!

Como uma lagartixa, o Zé sumiu-se pelos degraus acima.

— Já que queres ter esta massada, Ermelinda! como estás desde ontem?

— Sabes, depois de sair de cá, ainda fui ao liceu por causa da teima da Lourdes.

— E então?

— A Madalena tem média positiva em latim.

— Ainda bem! Mas como arranjou ela isso? Eu ontem não teimei contigo. Estava certa de que ela não passava com positivo neste período.

— Então, olha! Ela no último exercício teve sete, mas nos outros tinha onze e doze, deu-lhe uma média de dez.

— Ainda bem!

— Ai! a Lourdes é tão teimosa...

A Ermelinda reflectiu um instante e perguntou, tímida:

— Não a achas mesmo má, Maria Antónia?

— Esqueces os nossos deveres, rica! A Lourdes é um pouco vaidosa, mimadíssima pela família que não lhe falta com coisa nenhuma, o seu carácter não está bem formado... ainda pode mudar...

A Ermelinda abanava a cabeça:

— Só tu, desculpas sempre!

— Não desculpo filha, vejo-lhe os defeitos; vocês verão os meus.

— Ela é tua amiga porque teus pais são fidalgos, nem aprecia sequer as tuas qualidades!

— Ermelinda! Parece-me que estás a ser ciumenta. Isso nem parece teu!

Pé aqui, pé acolá, o Chiquinho descia as escadas a quatro e quatro, pendurado pela mão do Zé.

— Cuidadinho que ele pode cair!

A Ermelinda aparou-o nos braços:

— Querido Chiquinho!

O Zé pôs as malas no «eléctrico», deu um abraço à Tó, recomendando-lhe apressadamente:

— A menina diga aos tios que para a outra vez sou eu quem vou. Olhe! Escreva de lá ao pai para ver se ele depois do Natal me dá licença de a ir lá buscar, olhe! mande dizer se os pôtros estão crescidos, se há caça, olhe!...

O condutor fê-lo saltar do carro.

— Coitado! Como ele gostaria de vir! — Exclamou a Maria Antónia ainda a acenar-lhe com a mão. — «O monte» é para ele uma verdadeira loucura.

Tinham arranjado lugar no «eléctrico». O Chiquinho ia ao colo da Ermelinda.

— Deve ser muito bonito! Descrevias tudo tão bem nas tuas cartas do ano passado... Qual é a direcção? Já não me lembro.

— Monte da Barca — Coruche — agora neste tempo a charneca não tem beleza nenhuma. Só no verão é bonita. A's vezes, por esta altura, os tios fazem a «ferra» e afastam-se os bezerros das mães. Faz-me um dó! E' uma estupidez da minha parte, não achas, Ermelinda?

— Não! Parece-me que tambem me faria dó! Mesmo animais, as pobres vacas devem sentir uma destas aflições, quando as separam dos filhos...

A Maria Antónia e a Ermelinda caminhavam para a estação. O Chiquinho e a multidão não as deixavam andar depressa.

— Vamos, Chiquinho, ande!

— O Chiquinho tem *preguixa!*

As malas pesavam ainda um bocadinho.

— Mesmo assim — dizia a Ermelinda — não sei como os teus pais te deixam ir passar o Natal lá fora. Na tua casa são todos tão amigos!

— Ai! Não suponhas que troco com grande prazer a minha casa pela casa dos tios. Tenho a maior pena. Gosto bem mais de passar o Natal com os manos e os pais, mas, sabes, ao mesmo tempo vou dar um pouco de alegria aos tios. A tia Anica e a minha mãe casaram quase ao mesmo tempo e à tia nasceu uma filhinha que pouca diferença fazia de mim. Era um amor a miuda, um amor que morreu com cinco anos com um ataque de difteria lá no monte. Não foi possível acudir-lhe a tempo.

Os tios iam enlouquecendo, não tinham mais filhos, foi horrível! Então a mãe, bondosíssima como é, quando eles não podem vir passar estes dias de festa connosco prefere sacrificar-se e manda-me até lá. Compreendes, eles gostam muito de mim porque lhes lembro a filha, é uma grande tristeza ao mesmo tempo!

Só faltavam dois minutos para o «rápido» partir.

— Adeus Maria Antónia! Escreve-me, ouviste? Não te esqueças de me mandares dizer se gostaste do livro.

Debruçada da janela do «rápido» empurrada por vinte ou trinta pessoas ansiosas de se debruçarem como ela, a Maria Antónia olhava para o Chiquinho.

— O' mana — gritava ele todo homem — já «xou» grande. Já vim no «livador» sem chorar...

— Bravo! Assim é que é! Agora volte para casa com a sua amiga Ermelinda e com muito juízo! Peça ao Zé o lápis e escreva à Tó uma *grande* carta.

— Grande? com cavalos e «xicaletes» e «xoldadinhos»?

— Partida...

— Adeus, Maria Antónia — gritou a Ermelinda e repetiu — escreve!

O Chiquinho assustou-se com o apito sibilante, mas

(Continua na página 16)

UMA VIDA AVENTUROSA

Lady Hester, em Maio de 1812 estava no Cairo, e era recebida em grande pompa no Palácio de Usbekich. Makemed Ali, vencedor dos Mameluks, esperou-a de pé, nos jardins encantadores do harem e enquanto falavam, depois de se terem sentado, tomavam sorvetes e café. As águas murmurantes dos numerosos repuxos, o cheiro enebriante dos jasmins e rosas, os fatos belos e ricos dos servidores, tudo encantava e fazia esquecer os meios cruéis e duros com que ele tinha chegado ao poder.

As paredes do palácio ainda estavam tintas de sangue, mas a verdade é que Mekemed Ali tinha posto em ordem e tornado próspero um país, que fora durante séculos administrado por péssimos e arrogantes Pashás. Lady Hester era inteligente e tinha visto governar bem a sua terra pelo tio.

As perguntas que fez e as conclusões que tirou deixaram Makemed Ali espantado. A «princesa» inglesa era extraordinária! Bela como uma mulher e inteligente como um homem (quando o são!). Começou a ver que através dela poderia vir a comunicar com a Inglaterra e a criar amizades internacionais.

A sua amabilidade tornou-se cada vez mais cativante, indo até ao extremo de lhe oferecer passar em revista as suas tropas. Lady Hester, pela segunda vez, preparou-se para fazer bom efeito às imaginações orientais... Vestida de branco e purpura montada num «puro sangue» arabe, mostrou durante a revista quanto era conhecedora da arte de cavalgar. Beduinos e Arabes ficaram-na admirando. Após o desfile dos tropas, Mekemet Ali mandou-lhe oferecer dois magníficos cavalos. Podia dizer, com razão, que tinha conquistado a simpatia dos Turcos, para si e para o seu país.

Mas o Egipto não lhe agradava completamente. O mau cheiro das ruas do Cairo, as doenças de olhos (que cegavam) os pedintes, a sugidade, não podiam ser esquecidas, mesmo no interesse que lhe mereciam as Piramides... Lady Hester embarcou em Damietta para Jatfa. Chegou a esse porto a 15 de Maio. Estava a cidade cheia de peregrinos, que vinham da Terra Santa, onde tinham passado a Páscoa. Cristãos da Chaldea, sacerdotes católicos e patriarcas gregos, acotovelavam-se nas ruas. Ouviam-se os mais estranhos dialectos. Lady Hester apresentou os seus «firmans» e depois de uns dias de espera, em que as autoridades locais se prostravam aos seus pés, foi-lhe possivel iniciar a jornada para Jerusalem.

Ladeada de dois «escoltas», cavalgava à frente de uma procissão de onze camelos carregados com as suas bagagens e séquito. Entrou assim no território ou dominado por Abughosh, o Sheik arabe, que exigia taxas a todos os peregrinos que se dirigiam à cidade Santa. Este vendo tão luzida procissão pensou que seria mais vantajoso cativar os viandantes do que simplesmente explorá-los. Sempre é bom cultivar os grandes da terra! Lady Hester teve assim ocasião de gosar a hospitalidade arabe, aquela cavalheiresca e encantadora maneira de receber, que tanto a havia de prender aos selvagens Montes, onde veio fixar residência. Ouviu então da boca de Abu Ghosh os maiores elogios ao seu primo Sir Sidney Smith, que pela sua bravura e galanteria durante o cerco do Acre, tinha conquistado a admiração dos arabes. Em homenagem a tão ilustre parentesco, o próprio Sheik, montou guarda à sua tenda durante toda a noite.

Em Jerusalem, foi recebida com honras pelo governador da cidade. Visitou os Lugares Santos, mas nessa época não era agradável peregrinar pela Palestina, visto autoridades e população, despresarem ostensivamente os cristãos e embora não os perseguissem, não lhes tornavam a vida fácil...

Seria preciso ser santo para desejar voltar... Lady Hester sendo cristã, infelizmente, não era devota!

No entanto, ia passando, de boca em boca, a noticia que o poderoso Makemed Ali, a tinha distinguido com a sua maior atenção. O renome da sua beleza (levada ao auge pela imaginação oriental) tinha chegado aos confins da Siria e da Palestina e embora aceitasse a hospedahem dos agentes diplomáticos europeus era de facto para os chefes indigenas que Lady Hester reservava os «inefáveis sorrisos do seu semblante».

De Jaffa partiram para Acre através de dunas e de pinhais onde ainda se podiam admirar as ruinas dos Castelos dos Cruzados.

Em Acre ficou horrorizada com os sinais «visíveis» nos habitantes, da passagem ali no poder, do terrivel Djezzar.

Faltava ao banqueiro com quem tratou e que tinha sido o Guarda do Tesouro do Pasha, o nariz, um olho e uma orelha!

Temivel honra a de ser empregue por tal patrão!

Dali seguia para Tyr e Sidon, na esperança de vir a conhecer o Principe das Montanhas, o Emir do Libano, que se tinha tornado cristão, e diziam que governava a seita mais exclusiva e misteriosa do Orienie.

• • •

Depois de ter atravessadc campos brancos de pó e luz, chegou cheia de calor ao fresco val de Deir El Kammar, Esperava-a tôda a população da pequena cidade e à sua frente o ministro do Emir, que a acompanhou a um palácio, onde pernoitaria antes de ser admitida na presença do célebre Bechir. Este recebeu-a no dia seguinte. O seu palácio era duma belesa maravilhosa. Os portões abrião-se sobre um pátio interior guardado por um tigre, O teto era tão belo que o Emir mandara cortar as mãos ao pintor que o decorara... crueldades dum requinte oriental! Galerias de colunatas de mármore davam sobre jardins floridos Bechir ergueu-se para receber Lady Hester. Esta ficou surpreendida e encantada, ao ver um árabe, elegante de porte e de tez morena, olhar para ela com uns estranhos olhos, quase brancos. Tão estranhos, tão suaves e cativantes, que ela acreditou em tudo que ele lhe disse. As suas maneiras eram perfeitas. Mas a alma do Emir era duma perfidia, maldade, sem nome! Conteve os seus maus instintos durante o mês que albergou a «Princesa inglêsa», mas o Primeiro Ministro recomendou-lhe que fizesse provar sempre os acepipes, que Bechir lhe oferecia... podiam ser envenenados! Mas Lady Hester tudo apreciou. O Libano cativava-a, e nem lhe repugnou o pouco apetecivel uso dos Drusos de comer carne crua! — No entanto não desistia da idea de ir a Palmyra. Seguiu para Damasco, onde esperava arranjar uma escolta militar que protegesse a sua viagem até às célebres ruinas. — O Pasha da Siria quiz dissuadi-la do seu projecto. O deserto não estava seguro, as diversas tribus que o habitavam guerriavam-se entre si. Disse-lhe que fosse falar ao conhecido capitão dos mercenários Hamed Bêy, temido das autoridades e mais poderoso que muitos Reis. «A Princesa Inglêsa» não exitou a montar a cavalo e aparecer ao centro do acampamento. Mas confessou que interiormente tremia.

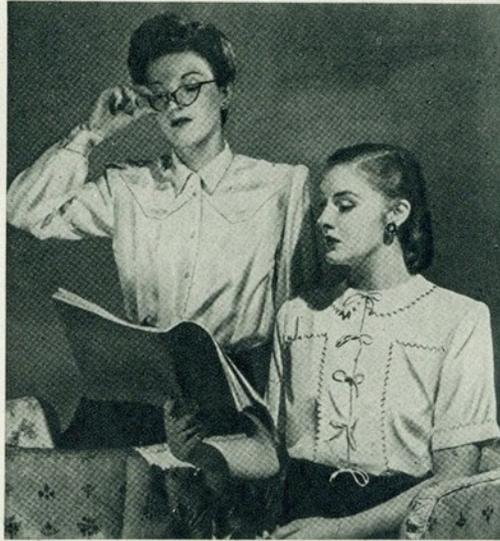
O chefe ficou encantado com tanta audácia e deu-lhe tropas para a escoltarem. — Tudo isto, no entanto, queria dizer muito dinheiro... Presentes e gorgetas... No Oriente nunca se faz uma visita sem levar uma rica oferta. A amabilidade dos Grandes dependia muito disso. Lady Hester não se podia furtar a esse costume, tanto mais que a tomavam como representando o seu paiz. Os seus cofres iam-se esvaziando... Mas podia dizer, com razão, que não pagava caro de mais a influência que ia adquirindo no medio Oriente. — Partiu então, para a sua aventurosa viagem no deserto, carregada de presentes. Mas para chegar ao seu fim precisou muito mais do que isso — uma coragem e audácia fora do vulgar. Teve, a meio caminho, de desistir da sua escolta de mercenários. Os arabes tomaram isso como um desafio. Entregou-se, portanto, completamente à honra dessa raça meio selvagem que não a atraiçoou. Foi escoltada por chefes Beduinos que fez a última parte da sua viagem. Chegou às portas de Palmyra no fim dum dia de verão. Atravessou um desfiladeiro guardado por castelos arruinados. Entrou num vale coberto de túmulos, belos e estranhos. Mas de repente viu-se num promontório elevado e, no deserto, aos seus pés, o que restava da cidade da Imperatriz Zenobia. Colonatas de mármore de lindas cores, palácios com escadarias, arruinados.

Desceu à antiga, cidade mas no meio de tanta coisa morta, em cima dos pedestais das estátuas desaparecidas, viam-se raparigas vestidas ainda à grega, duma beleza de remeniscências helénicas. Tinham nas mãos flores. Deixavam-nas cair sobre Lady Hester. A população inteira da aldeia, que se abrigava ali tinha vindo recebe-la, com danças, cantos e músicas. Mil e quinhentos Beduinos proclamavam-na Rainha de Palmyra. «A Princesa Inglesa» sentia-se «Rainha dos Arabes». Parecia ridiculo mas não era. Foi essa realeza efémera que, afinal, a veio a tornar imortal.

Louvada pelas chancelarias europeias e pelos próprios orientais veio a realizar assim para a Inglaterra uma das primeiras missões diplomáticas que vieram a abrir as portas do Oriente ao seu Paiz. — Os poetas românticos cantaram os seus feitos e a sua história entrou na lenda.

FIM

FRANCISCA DE ASSIS

Modas

Lembro-te Paula, de quanto uma mulher casada precisa de ser metódica, ordenada e... di-lo-ei?... Elegante.

A casa, e mais tarde os filhos, tomam tanto tempo que pouco sobra para si própria.

Por isso te recomendo método para que o tempo chegue sempre, e ordem para evitar canseiras e trabalhos inuteis.

Há mulheres que levam a vida num labutar constante; nunca param. Nem têm tempo para cuidarem um pouco de si mesmas; chegam ao fim do dia esgotadas, mal humoradas etc., e quando os maridos voltam encontram-nas com os nervos *ouriçados*, impacientes e azedas.

Ora estas raparigas que tanto se esforçam, e na melhor das intenções tão pouco se lembram de si, esquecem o marido e quanto lhe seria agradavel encontrar a sua mulher compreensiva e alegre, cuidada e *pregadinha*.

Mas para ter essa boa disposição de espírito, é preciso que o desgaste fisico não seja demasiado.

Organizando bem a tua vida, verás como o tempo chega e como são agradaveis os trabalhos caseiros. No entanto há dias realmente, tu o verás no decorrer dos anos, em que o cansaço é tanto que a pobre dona de casa no fim do dia está simplesmente exausta! Quando te sentires assim deprimida e abatida, segue o meu conselho: — Faz uma *apuradissima* «toilette». Um banho morno no inverno descansa deliciosamente; frio no verão, tonifica e dispõe bem. — É como uma chicotada. — Penteia-te com esmero, e veste-te com cuidado. Quando findo isto te olhares ao espelho verás nele o rosto agradavel de uma nova mulher, muito diferente da criatura desalentada que antes viste reflectida. Esta «pele nova» influe tão benèficamente nos nervos e no espirito que te sentirás logo com «alma nova» também.

Nada pior para o espírito que uma aparência vencida e abandonada. Nada mais nocivo.

Muito podemos e devemos fazer, Paula, para a boa harmonia e alegria do lar.

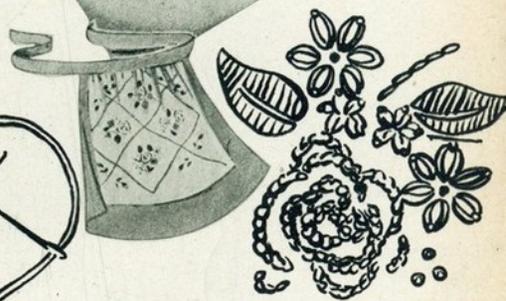
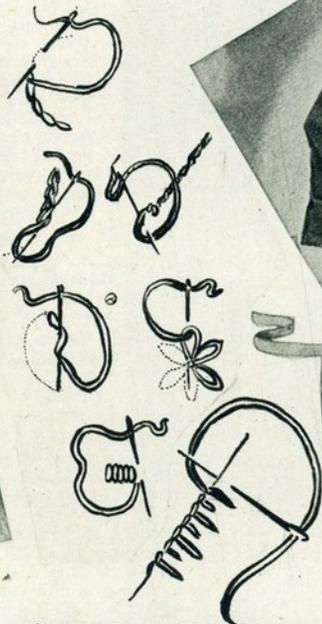
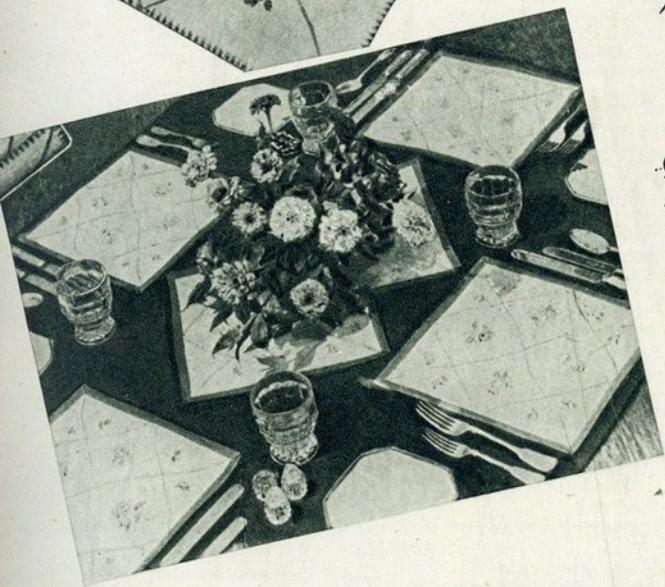
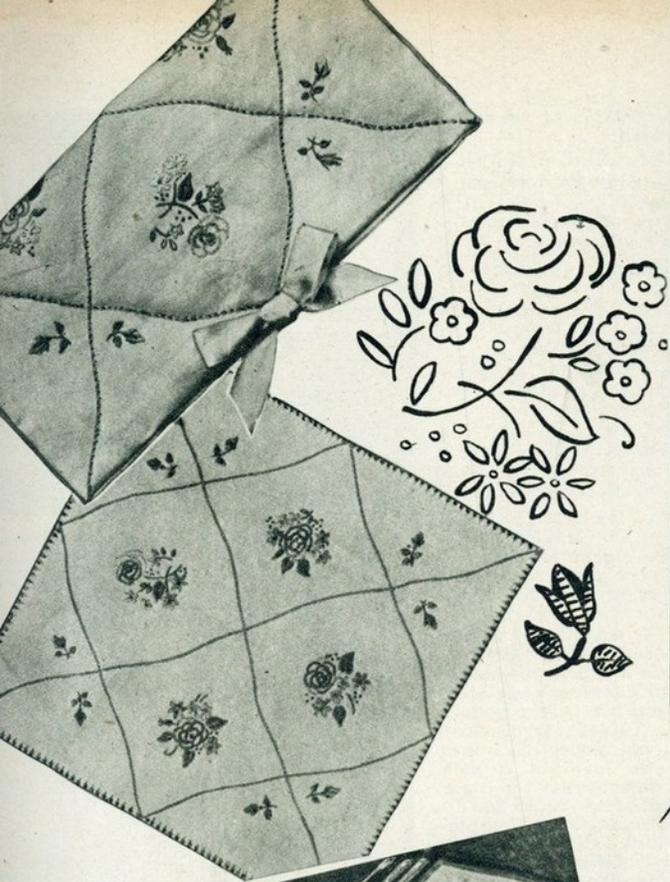
Está hoje um pouco esquecido que a mulher pertence, deve-se, ao lar. Muito antes e muito maior que o seu lugar na sociedade é o seu lugar na familia.

M. B.

* * *

Quase sempre, os acessórios, mais que o vestido, podem tornar um conjunto mais ou menos elegante ou desportivo. Variando-os obteremos efeitos diferentes. Damos-vos 2 modelos de vestidos de saia e casaco simples e distintos e 5 blusas à escolha segundo o gôsto e a precisão de cada uma.

Chamamos a atenção das nossas raparigas para a utilidade e economia de um vestido de saia e casaco para quem tenha que ter um só fato; e da elegância de uma blusa fresca, aproveitando para fazê-la, muitas vezes, o vestido que já estava acanhado ou que por qualquer motivo se não pode pôr. Quase todos os tecidos servem para blusas, contanto que saibamos combinar bem os modelos que escolhemos e estes com a hora e a função a que os destinamos. Assim, uma seda lisa torna quase sempre mais «chic» que uma às riscas, e é portanto mais própria para visitas, etc., a menos que a façamos *chemisier* o que a tornará facil de pôr a qualquer hora e própria para desporto. Isto se a seda for do tipo «crepe da China», seda lavavel, por que outra qualquer só pela sua qualidade se torna quase sempre imprópria para trazer de manhã.

M. B.

NOIVAS

Quantas coisas se podem fazer com um simples desenho!... Damos-te hoje, Paula, 3 raminhos. Com um pouco de imaginação e gôsto, quanto poderás fazer para a tua futura casa!

Pequenas coisas que tornam o ambiente confortavel.

Pequenos nadas onde se revela a mulher laboriosa, prática e elegante.

• • •

O bordado a côres é sempre alegre à vista e divertido de executar. Que escolhes para fazer? — O serviço de mesa à americana fica muito bonito. E o avental, Paula, já pensaste como é feminino, e que bem te ficará quando vagares no serviço da casa, nessas mil e uma coisa que a dona da casa nunca prescinde de fazer por sua mão?

Será o saco de trabalho? Todos estes modelos ficarão bonitos.

Em linho ou linhol cru ou branco, bordado a «coton perlé». As cores segundo o gôsto de cada uma.

Pontos a executar:

N.º 1 — ponto de pé de flor.
N.º 2 — ponto de cadeia.
N.º 3 — » » pé de flor com nó.
N.º 4 — nòsinhos.
N.º 5 — malmequeres em ponto de cadeia.
N.º 6 — ponto real.
N.º 7 — ponto de casa, irregular.

AUTO DA RESSURREIÇÃO

[Em quatro quadros]

por MARIA PAULA DE AZEVEDO

PERSONAGENS:

O ANJO
MARIA DE MAGDALA
PRIMEIRA MULHER
SEGUNDA MULHER
SIMÃO PEDRO
JOÃO
THIAGO
THOMÉ
1.º DISCÍPULO DE EMAUZ
2.º DISCÍPULO DE EMAUZ
1.º TRABALHADOR
2.º TRABALHADOR
VARIOS APOSTOLOS

QUADRO I

Antes de abrir o Pano: Cantico de Bach, no orgão. Madrugada escura. O Sepulcro de Jesus não se vê: fica á direita. O Anjo está de pé, imovel, de grandes azas abertas, sem iluminação: *não se vê — Entram, pela esquerda, devagar, as tres Mulheres.*

MARIA *(parando, voltando-se para as outras)* — Quem nos arredará a pedra, que é tão pesada?

PRI. MULHER *(abanando a cabeça)* — Tal não poderemos fazer, com certeza...

MARIA *(exaltada)* — Talvez que o amor pelo Mestre nos dê forças maiores!

SEG. MULHER — Vamos até lá, Maria. *(avançam, devagar. De repente, ilumina-se o Anjo)*

TODAS *(recuando)* — Senhor! Quem sois?!

O ANJO *(imóvel)* — «Não vos assusteis. Aquela que procurais não está aqui: Ressuscitou como tinha anunciado. Ide, avisai os Seus irmãos de que breve O tornarão a ver» *(desaparece de todo a luz do Anjo; as tres mulheres olham-se em silêncio assustado).*

SEG. MULHER — Um Anjo...

PRIM. MULHER — Mandou-nos ir...

MARIA — Eu queria ficar...

PRIM. MULHER a MARIA — Não ouviste o que nos disse o Anjo?

SEG. MULHER *(repetindo as palavras do Anjo)* — «Ide, avisai os Seus irmãos»...

PRIM. MULHER *(continuando com devoção)* — «De que breve O tornarão a ver».

MARIA *(pensativa)* — Não posso afastar-me deste logar...

SEG. MULHER — Devemos cumprir o mandato do Anjo!

PRIM. MULHER *(pegando no braço de Maria)* — Vem comnosco, Maria. *(as tres vão saindo pela esquerda; mas Maria fica parada na extrema esquerda).*

MARIA *(cismática)* — Não posso afastar-me daqui... *(erguendo a cabeça e olhando à direita)* Parece-me ver além um homem!... Quem poderá sêr???... Talvez o jardineiro? *(avança um pouco)* Se sabes para onde levaram o meu Senhor, se sabes em que lugar O puzeram, peço-te que mo digas, sim? *(uma pausa)* Tem piedade de mim... Não me ouves? *(uma pausa)* Porque não queres responder-me? *(pausa)* Levaram o meu Senhor: não sabes onde O puzeram?

A VOZ DE JESUS — MARIA!

MARIA *(num grito, caindo no chão, e scondendo a cabeça com as mãos)* — Mestre! *(voltam as duas mulheres pela esquerda)*

PRIM. MULHER *(resoluta, chegando-se a Maria)* — Maria, vem comnosco!

SEG. MULHER — Vamos falar aos Discipulos!

PRIM. MULHER *(admirada)* — Porque escondes a cabeça, Maria?

SEG. MULHER — Vamos dizer a Simão Pedro que a pedra está tirada...

PRIM. MULHER — Que os sêlos estão partidos! Que um Anjo nos apareceu...

SEG. MULHER — ...e nos falou!

MARIA *(levantando a cabeça radiante)* — Se soubesseis! Ah, se soubesseis!

PRIM. MULHER *(admirada)* — Que haverá que nós não saibamos?

SEG. MULHER *(curiosa)* — E porque estás no chão, Maria?

MARIA *(erguendo-se, em extase)* — Escutai-me bem, ambas vós! *(chegam-se a ela, uma de cada lado)* O Mestre...

AS DUAS MULHERES *(anciosas)* — O Mestre...

MARIA *(com força)* — O Mestre falou-me! Eu, a mais infima, a mais miseravel das Suas servas, ouvi a Sua Voz celeste! Vi, *eu,* a Sua Figura divina!

PRIM. MULHER *(gritando)* — Que dizes, Maria?

SEG. MULHER *(de mãos postas)* — Será isso possivel, Senhor meu?!

MARIA *(exaltada)* — Assim é, irmãs! O Mestre chamou a Sua escrava humilde!

PRIM. MULHER *(decidido)* — Vamos depressa falar a Simão Pedro!

SEG. MULHER — Corramos, irmãs, a contar a João!

MARIA *(exaltado)* — E a Thiago! e a Thomé! e a Mateus!... *(o Pano vai caindo, devagar)*

PRIM. MULHER *(frente ao público, de mãos postas)* — Ouvir a voz do Mestre! Tornar a vêr o Rabbi! *(cai o pano)*

QUADRO II

(a estrada de Jerusalem para Emauz)

1.º TRABALHADOR *(parado à direita, a conversar)* — Ainda não estou em mim, Josué!

2.º TRABALHADOR — Há coisas que custam a crêr...

1.º TRAB. — Quem tal contou, hoje mesmo, foi a velha Miriam...

2.º TRAB. *(com desdem)* — Mulheres...

1.º TRAB. *(indignado)* — Então não foi a própria de Magdàla a quem tal sucedeu?!

2.º TRAB. *(pensativo)* — Na verdade reconheço, Elias, que essa Magdalena ficou mudada, e bem mudada, desde o dia em que os olhos de Jesus nela se poisaram...

1.º TRAB. *(baixo)* — Diz-se que o Mestre a libertou dos sete pecados maiores!

2.º TRAB. *(pegando-lhe no braço e apontando)* — Não são os dois de Emauz, aqueles que também foram Discípulos do Mestre, que além veem vindo?

2.º TRAB. — São eles: devem vir de Jerusalem.

(Entram, pela esquerda, os dois Discipulos de Emauz)

1.º TRAB. *(fazendo-os parar)* — Dizei-nos, amigos: será verdade o que ouvimos esta manhã em Emauz?

2.º TRAB. — Que junto ao Sepulcro de Jesus de Nazareth...

1.º DISCÍPULO — Isso que ouvistes vinhamos nós contando, pelo caminho, a certo companheiro nosso...

2.º DISC. *(admirado)* — E onde ficaria, que O não vejo já?

1.º DISC. *(admirado)* — Extranho companheiro; tudo ouviu sem nada nos dizer...

1.º TRAB. — E foi, de verdade, Maria, a de Magdàla a primeira a chegar junto ao Sepulcro onde José de Arimateia tinha posto Jesus? E viu um Anjo a guardar o Sepulcro? E ouviu, ela mesma, a Voz do Ràbbi?!

1.º e 2.º DISC. *(ao mesmo tempo)* — Assim mesmo é que sucedeu.

PRIM. TRAB. — E o RABBI chamou-a pelo seu nome? E a pedra estava tirada? E os sêlos estavam partidos?

SEG. TRAB. — E é certo, bem certo, que taes lances se passaram d'este modo?

OS DOIS DISC. D'EMAUZ — Assim mesmo sucedeu, amigos.

PRIM. TRAB. *(apontando para a direita)* — Olhae, não será o tal vosso companheiro que segue alem a caminho d'Emauz?

OS DOIS DISC. *(contentes)* — Ele é! Ele é!

PRIM. DISC. — Adeus, amigos: à mesa vamos estar com Ele agora! *(os dois saem, apressados, emquanto cai o pano).*

QUADRO III

(A casa onde se reunem os DISCIPULOS).

SIMÃO PEDRO *(pensativo)* — Desde o primeiro dia em que o Mestre nos apareceu, tenho as Suas palavras gravadas no pensamento...

JOÃO *(com fervor)* — Assim nos disse: «IDE E PRÉGAE O EVANGELHO A TODA A GENTE...»

THIAGO *(continuando, de mãos postas)* — «O QUE CRER E FOR BAPTISADO SERA SALVO...»

SIMÃO PEDRO *(brusco)* — Thomé não quer crer no que lhe dissemos!

JOÃO *(triste)* — Faltou-nos a força para o convencer...

THIAGO *(categórico)* — Lembrae-vos, irmãos, que as três santas Mulheres vieram dizer-nos que um Anjo guardava o Sepulcro do Mestre, e nós...

SIMÃO PEDRO *(cismático)* — Tambem não as acreditámos; assim foi.

JOÃO — Disseram-nos elas que a pedra estava tirada, os sêlos partidos...

THIAGO — Que um Anjo guardava o Sepulcro...

JOÃO — E que o Mestre, Ele mesmo, chamara a de Magdàla!

SIMÃO PEDRO — Não quizemos dar fé às palavras das mulheres...

JOÃO — E o nosso correr até ao Sepulcro, por tanto termos hesitado, de nada nos serviu: já não vimos o Anjo!

SIMÃO PEDRO — Nem ouvimos a Voz do Mestre! Nem vimos, naquele dia, Jesus ressuscitado!... (a João) E não te recordas, João, do que sucedeu aos dois Discipulos d'Emauz, nessa mesma manhã em que o Mestre ressuscitou?

JOÃO — Recordo-me bem, Simão Pedro!

THIAGO — Foi assim: o Mestre acompanhou os dois pelo caminho, ouvindo o que eles contavam, e eles não O reconheceram...

SIMÃO PEDRO — Mas, depois, já em Emauz, à mesa, quando O viram partir e abençoar o pão, como tinha feito na Ceia de Quinta feira, logo O reconheceram!

JOÃO — Desapareceu, porem: não mais O viram! E em nada disto Thomé quer crer!

SIMÃO PEDRO *(pensativo)* — Julga ele que são visões criadas pelo nosso amor ao Mestre!

JOÃO — E pelo desejo ardente de tornar a vêl-O!

SIMÃO PEDRO *(ancioso)* — Tornar a ouvir a Sua voz, quem nos dera tal ventura!

THOMÉ *(entrando e parando à porta)* — Ninguem mais ouviu a Voz do Mestre, ninguem mais O viu desde a Sua morte no Calvário!

JOÃO — Thomé, não digas tal: ouviu-a Maria de Magdàla, antes de mais ninguem!

THOMÉ *(abanando a cabeça)* — Não vos creio, irmãos...

SIMÃO PEDRO *(aproximando-se dele)* — Escuta-me, Thomé. Ao terceiro dia depois da Sua morte, Jesus, o Mestre, conforme tinha anunciado, RESSUSCITOU! E, passado tempo, apareceu-nos a nós, Seus Discipulos, neste mesmo lugar onde estamos!

THOMÉ *(com tristeza)* — Não vos creio...

JOÃO — Apareceu-nos, Thomé, e assim nos falou: «IDE E PRÉGAE O EVANGELHO A TODA A CRIATURA».

THIAGO — «AQUELE QUE CRER E FOR BAPTISADO SERÁ SALVO...»

THOMÉ *(abanando a cabeça)* — Não, Thiago, não, João, não, Simão Pedro, não vos creio! Escutae-me, irmãos: se eu vir os buracos dos pregos nas Suas mãos; se eu vir os buracos dos pregos nos Seus pés; se eu meter a minha mão na chaga do Seu lado... então, só então, eu acreditarei que vos apareceu o Mestre!

A VOZ DE JESUS — «A PAZ SEJA COMVOSCO!

(Thomé corre, como louco, para a extrema direita, estende as mãos para tocar em Jesus; depois ajoelha, em extase, e ergue as mãos postas).

THOMÉ *(com força)* — «MEU SENHOR E MEU DEUS! *(cai o pano depressa).*

QUADRO IV

(Apoteose)

No campo. Os DISCÍPULOS estão em posições diferentes, olhando o Céu, de joelhos, ou em pé. As santas Mulheres à esquerda. Ao fundo, luz forte: é a ASCENSÃO DE JESUS, *em quadro um pouco vago e nebuloso; ou* nada *senão a luz* muito forte *dando a impressão da subida ao Céu* acima *da nossa vista.*

(Música própria, e um côro triunfante e religioso).

F I M

BRAGA — Colégio Dublin — Grupo de filiadas

BRAGA — Campismo — Na hora do descanço

BRAGA — Campismo — Preparando o almoço

BRAGA — Colégio Dublin — Embaixada da bondade e da alegria

Um dia de Campismo do Centro n.º 2 Colégio Dublin, passado na Quinta da Ordem. S. Martinho de Dume — Braga

Revestiu o caracter dum acontecimento este dia de Campismo no nosso Centro.

Manhã esplendorosa — sacolas a tiracolo ei-las partindo, as filiadas, para a Quinta da Ordem — S. Martinho de Dume, formosíssima propriedade deste rincão adorável.

O ambiente é feérico, duma beleza surpreendente.

A alegria das raparigas é contagiosa.

Num momento tudo se organiza. Levantam-se barracas, armam-se a capricho... estabelecem-se prémios...

As cozinheiras foram exímias na preparação da ementa — caldo verde, arroz de frango, creme, frutas, bolos.

Abriram-se grandes fogões na terra e era algo interessante ver o grupo das cozinheiras que se desempenharam galhardamente.

Hasteou-se no local o Guião da M. P. F., e, pelas filiadas foram-lhe prestadas as devidas honras.

Uma Chefe de Castelo leu da sua autoria um lindo discurso patriótico sobre a Fundadora das Misericórdias e a Rainha Mãe-Educadora, que agradou imenso.

Organizou-se um pequeno recitativo. Executaram jogos, desafios... descantes.

No final 4 e meia horas da tarde, rezou-se o terço. Cantaram-se lindos cânticos à Virgem.

Hora do regresso. Desmontagem das barracas, arrumação do campo e ei-las de regresso ao Colégio.

Dia memoravel no nosso meio académico que perdura em todas pela saudade que deixou.

Dia de Campismo!... Grande lição de amor à Terra, lição prática de conhecimentos da Natureza!...

A Directora do Centro n.º 2
Maria da Luz Gonçalves

BRAGA — Colégio Dublin — Partida para o campismo

FUNCHAL — Centro n.º 2 — Exposição de roupas e brinquedos oferecidos pelo Natal a crianças pobres

FUNCHAL — Centro n.º 2 — Outro aspecto da exposição

Ex.ma Sr.ª Comissária Nacional da Mocidade Portuguesa Feminina

Dentro das actividades do Centro N.º 1 da M. P. F. e como nos anos anteriores, procurou este Centro dar às festas do «Natal» o maior brilhantismo.

A's 14 horas do dia 21 de Dezembro, na impossibilidade de comparecer Sua Ex.ª o Sr. Reitor do Liceu de Jaime Moniz, Dr. Angelo Augusto da Silva, foi aberta pelo Ex.mo Sr. Dr. Raimundo de Matos, que o representava, a exposição dos Berços, que se realizou segundo as instruções recebidas do Comissariado Nacional da Mocidade Portuguesa.

As filiadas puseram todo o seu entusiasmo na confecção das roupas para os pobres pequeninos e na ornamentação da casa de Lavoures onde se fez a exposição.

Ao fundo da sala a tradicional «Lapinha», que elas próprias fizeram, e pelas janelas e mesas profusão de flores, que as há em abundância nesta terra, o que dava ao conjunto uma nota de garridice e beleza.

Confeccionaram-se enxovais para seis berços e várias peças avulso destinadas a crianças até oito anos, num total de 280 peças, e compraram-se ainda géneros alimentícios — 15 quilos de arroz e 5 quilos de café.

Tudo isto foi distribuido por famílias pobres, tendo-se levado em linha de conta que fossem conhecidas das filiadas, para mais fàcilmente se identificarem.

A distribuição fez-se nessa mesma tarde e no dia seguinte.

No dia 22 de Dezembro, no salão de Festas do Liceu de Jaime Moniz e com a autorização de Sua Ex.ª o Sr. Reitor, pessoa sempre pronta a acolher com boa vontade todas as nossas iniciativas, realizou-se, promovida pelo Centro N.º 1 da M. P. F. uma pequena festa em que tom

ram parte algumas filiadas, alunas do 3.º ano.

Foi representada a peça «Nem oito nem oitenta» da autoria de Celeste Morgada, filiada do Centro do Liceu de Pedro Nunes, a qual agradou bastante.

Ao saberem desta festa que as suas colegas preparavam, 4 alunos do 3.º ano quiseram colaborar e levaram à cena a comédia «Médico à Fôrça», gesto que a M. P. F. só tem a agradecer, porquanto a comédia foi muito bem interpretada por aqueles pequenos «artistas».

Para o bom êxito da festa contribuiu muitíssimo o esfôrço e boa vontade do nosso médico escolar, Ex.^mo^ Sr. Dr. William E. Clode.

Em seguida serviu-se na Cantina do nosso Liceu um chá para o qual foram convidados os Srs. Professores e famílias, um representante de cada turma, directores dos Centros da M. P. e a direcção dos Centros N.º 3 da M. P. e N.º 1 da M. P. F. do Funchal — Liceu de Jaime Moniz.

Helena Inês de Lima

Directora do Centro n.º 1 do Funchal

FUNCHAL — Centro n.º 2 — Presépio

"Carta de uma filiada"

Já passaram alguns meses, mas na minha lembrança estão ainda bem presentes os 28 dias da colónia da M. P. F., em S. João do Estoril.

Vós, as que não fostes, não podeis calcular a vida de camaradagem e de alegria, que lá vivemos.

Que belos passeios demos a Sintra, ao Cabo da Roca, à Arrábida, à Quinta da Marinha, etc., um nunca acabar, e, tudo isto sempre acompanhado dum sorriso da Sr.ª Directora, duma graça das Adjuntas, dum conselho duma graduada mais velha.

Como foi a primeira vez que estive na Colónia, fiquei encantada, e, prometi, a mim mesma, voltar para lá.

Aproveito esta ocasião para agradecer à Ex.^ma^ Delegada Provincial, Senhora D. Alice Guardiola, os dias felizes que nos proporcionou no conforto da "Nossa Casa", tão bonita e de tão bom gôsto, e para vocês filiadas que estiveram comigo na Colónia, publico estas fotografias, que nos farão recordar saudosamente os dias que passámos em S. João do Estoril.

Raquel Soares Mendes Pereira

Filiada n.º 30.763 — Centro n.º 1, Liceu de Maria Amália Vaz de Carvalho

No Paço de Sintra

A caminho da serra

Na praia de S. João do Estoril

A caminho da Pena

No Cabo da Roca

Na praia de S. João do Estoril

Nas rochas da praia de S. João do Estoril

No terraço de «A nossa casa»

O ALELUIA NA POLÓNIA

AS grandes festas religiosas regulam por assim dizer, a vida na Polónia; elas marcam, de modo incisivo, as etapas do ano. E' comum, ouvir-se: «isso aconteceu pelo Natal, vamos viajar depois da Páscoa, terminei esse trabalho na quaresma de tal ano etc., etc.» As grandes festas litúrgicas são celebradas na Polónia com toda a pompa e solenidade, mas são tambem festas intimas, aquecidas ao lume da lareira familiar. Ninguem concebe na Polónia, passar solitário o Natal ou a Páscoa; todos sentem a necessidade de celebrar essas grandes datas em união e na companhia dos entes caros. São festas da alma e do coração, e não apenas dias marcados em vermelho na folhinha. Exigem sempre uma cuidadosa preparação.

Como tudo o que é muito profundo, acaba sempre por ter uma expressão na arte — segundo disse o poeta Norwid — as grandes festividades religiosas são assinaladas na Polónia, por manifestações artisticas, tocantes e originais, que constituem um gènero de arte folclórica, cheio de encanto, de frescura e de expontaneidade.

A celebração da Páscoa, a magna festa do Cristianismo, a festa da Resurreição de Cristo — sem a qual a nossa fé seria vã — caracteriza-se por vários costumes e tradições interessantes.

No domingo de Ramos, por exemplo, em vez de palmas — não há palmeiras na Polónia — levam ramos de salgueiro ou de outras folhagens, que começam a brotar no fim do inverno. A essas folhagens os camponeses juntam ramalhetes de flores artificiais de fino papel colorido. Cada local tem o seu estilo peculiar, por assim dizer, de flores artificiais para a palma de Ramos.

Os ovos de Páscoa — já são uma tradição nos paises cristãos. Na Polónia eles são muito decorativos, verdadeiros primores da arte doméstica. A sua factura exige gosto, finura e capricho. Desenha-se com cera um motivo qualquer no ovo, e depois mergulham-no num colorante, e deixam-no secar. Retiram-se as partes recobertas de cera, e o desenho fica em branco sobre o fundo colorido. Outro processo consiste em primeiro colorir o ovo e depois gravar os motivos ornamentais, raspando a ponta de canivete. Esse último processo exige grande delicadeza; às vezes, os ovos assim decorados dão a impressão de um maravilhoso rendado.

Alguns desses ovos são de tal modo artisticos, que são conservados nos Museus como obras primas da arte folclórica. Os coleccionadores, sempre à cata de curiosidades, procuram sobretudo os ovos da Páscoa do século XVIII. Algumas colecções desses ovos — chamados na Polónia «pisanki» — atingem milhares de espécimens de várias épocas e de diver-

sas procedências, desde o ovo decorado, pela mão pesada do rústico, até o que foi burilado, com requinte, pela mão de um culto artista.

Esculpem-se, tambem, cordeiros pascoais, na manteiga ou no açucar. E' uma ocasião excepcional para a menina da casa exibir os seus talentos de modelagem.

A parte, porem, mais importante dos festejos domésticos é o agape pascoal, composto de pratos rituais. Consta de frios e várias qualidades de carne, salchichas, doces e bolos. Como a abstinência quaresmal é observada com todo o rigor na Polónia, para muitos é a primeira vez, que comem carne depois de um intervalo de 40 dias.

Sobre o alvo atoalhado da mesa, até nas mais pobres choças vêem-se o indespensavel leitãozinho assado, trincando um ovo entre os dentes, e uma travessa cheia de salchichas, enfeitadas com ovos duros. Enormes pirâmides de bolos erguem-se nos quatro cantos da mesa.

Ninguem, entretanto, ousaria tocar numa migalha desse santo agape, sem a benção do cura, o «benedicite» como lá chamam.

Por isso, o cura da aldeia, vai de casa em casa, deitando água benta às comidas e pronunciando palavras alusivas à festa.

Nas aldeias mais povoadas, transportam em cestos os manjares à igreja, para a serem abençoados.

E' muito curiosa essa exibição pantagruélica no adro da Matriz, onde o paróco, a cada momento, vem lançar uma benção colectiva.

O que mais interessa, porem, aos jovens, são as brincadeiras da segunda-feira de Páscoa. E' o dia do «smigus», remanescente de um costume de priscas eras. Nesse dia é permitido aspergir de água quem quer que seja. E' uma recordação do baptismo que era outrora administrado aos pagãos nessa data.

Nos meios «snobs» fazem-se as asperções com lança-perfumes e burrifadores de água de água de colónia. Mas o povo, pratica verdadeiros «entrudos» e nada é tão gozado, como ver-se uma melindrosa receber, em cheio, um balde de água.

Regozijos simples, intimos, jocosos, que dão retoques muito característicos à fisionomia nacional, assim como as flores campesinas de certas regiões servem, muitas vezes, para determinar as qualidades do solo.

RAPARIGAS DE ONTEM

III — A PARTIDA

Por uma linda manhã de Novembro, daquelas manhãs do verão de S. Martinho que no nosso país são mais belas ainda do que as do próprio verão, porque o ar fresco e a atmosfera transparente, dão-lhes um especial encanto, ia grande azáfama no pátio senhorial do velho solar.

Desde a véspera que havia na velha casa um ambiente de partida. Henrique de Vilhena, Guida e a pequenina tinham partido para Lisboa, onde esperariam as primas.

Gabriela e Maria Luisa seguiam nesse dia com a Tia Lota e seu marido para o Porto, onde ficariam uns dias. A Avó com a sua intuição de ternura tinha compreendido bem quanto era dolorosa para Gabriela a separação e lembrando-se que o ficar na mesma casa agravaria a sua saudade, tinha-a convencido a ir a Lisboa acompanhar a irmã.

Com a dedicação pelos seus, tinha esta senhora adquirido um tacto que a fazia pensar em tudo para lhes adoçar a vida, e o seu espírito de organização levava-a, quando tomava uma resolução embora lhe não fosse agradavel, a ocupar-se dos minimos detalhes, e vendo a amizade de Gabriela e Guida cada vez mais forte pensou que a companhia desta atenuaria um pouco a dor que lhe causava a partida de Maria Luisa.

Tudo combinado, marcara-se o dia da partida e nessa manhã o Senhor Menezes punha em ordem o seu carro que tratava com o carinho que se tem por um bébé querido, e ajudado por um criado arrumava a bagagem, encargo que não entregava a ninguem. Tomado o pequeno almoço, partiriam. Os pequenos já estavam no Porto nos seus estudos, e ali iriam todos almoçar a casa.

A Avó vigiava da varanda que as criadas não dessem boleus às malas, e dava as suas ordens e conselhos. As senhoras terminavam a «toilette»: Acabado o trabalho, o senhor Menezes sempre ancioso por partir, businava no automovel, apressando-as.

A Tia Lota apareceu já pronta e rabujando com o marido por causa das pressas. Maria Luisa e Gabriela apareceram com as suas maletas na mão; vestidas de igual nos seus trajos de viagem de meio luto, e, tão diferentes no todo, o vestido preto com a gola branca, o casaco cinzento de corte francês, o feltro da mesma côr, era em Gabriela um trajo elegante e simples; em Maria Luiza a maneira de atar o cache-col e de colocar o feltro ao lado sobre os seus caracois dourados dava-lhe um aspecto tão seu, tão desembaraçado, que a Avó não poude deixar de dizer:

— E's mesmo uma estrangeira, minha filha, compreendo que precisas doutro ambiente.

Maria Luisa que na hora da partida se sentia comovida, e, sentia que se afastava duma grande amizade, respondeu:

— Oh! Avósinha eu sinto-me muito bem junto de si, mas tenho de pensar na minha vida. Creia que a deixo com as maiores saudades. A velha senhora abanou a cabeça sorrindo tristemente:

— Sim filha mas vais... o que me vale é a ideia que Gabriela voltará breve, e, juntas, esperaremos que passem estes meses e que tu voltes.

Perante a insistência do Senhor Menezes abraçaram-se numa rápida despedida e arrumadas no automovel este partiu vendo-se as mãosinhas enluvadas de cinzento agitarem-se, em repetidos hestos de adeus.

E só, na varanda, ficou o vulto vestido de preto da Avó, que limpava os olhos.

No automovel Gabriela dizia: — Que pena me faz a Avó ficar só, estou arrependida de ter vindo.

Maria Luisa abraçando-a disse-lhe:

— Não digas isso; estou tão contente de estarmos juntas até Lisboa.

A Tia Lota sempre optimista e conciliadora animou-as dizendo:

— Não se apoquentem; a avó agora vai pôr a casa em ordem, vigiar a limpeza dos quartos, tratar de tudo e logo às 6 horas vem de Viana a D. Matilde, a sua grande amiga, e as duas entreteem-se tanto a falar da sua mocidade, dos bailes na Assembleia de Viana, nas casas particulares; estou mesmo a ouvi-las contar uma à outra episódios da estada dos reis no Porto, o baile da Bolsa, e o triunfo da Avó com as célebres joias de familia, que se não nos esquece, pelo menos atenua-se-lhe a tristeza.

— A Tia acha que a D. Matilde estará com a Avó todo o tempo que eu me demorar?

— Com certeza porque assim mo prometeu e a D. Matilde não falta às suas promessas, ela que se gaba de descender de Egas Moniz.

— Sabem, disse Maria Luisa, começo a ter saudades da Avó, da casa.

— Não vás, disse o Tio Menezes, e já não tens saudades.

— Isso não, já prometi a Colette e não seria bem faltar.

Quando chegaram ao Porto encontraram os pequenos à espera e foi tão ruidosa a sua recepção que esqueceram as saudades.

Depois do almoço as duas meninas foram com o Tio Menezes rever a maravilhosa Igreja de S. Francisco e ali se demoraram vendo a magnifica talha dourada que a torna riquissima. Na Sacristia admiraram os quadros. E sairam perdidas de riso, porque a mulhersinha que lhes mostrou a Sacristia, quando se dirigia a Maria Luisa gritava alto e metia uma ou outra palavra francesa e voltando-se para Gabriela, dizia:

— Sei muito bem falar com estrangeiras e como a senhora vê, entendo-as perfeitamente.

Os dias que passaram no Porto foram passados em visitas a obras de arte e a pessoas de familia.

As duas meninas ficaram encantadas com o claustro redondo da Serra do Pilar e o Tio Menezes muito viajado, disse:

— Admira Maria Luisa, porque te digo, que nem mesmo na Itália verás claustros tão bonitos como os nossos.

A Lisboa acompanhou-as a Tia Lota que aproveitava todos os pretextos para visitar a filha e a netinha tão querida.

E ali as encontramos reunidas na sala moderna de Guida. Com os seus «maples» em veludo verde jade e a sua macia carpete de Beiriz dum aspecto tão confortavel.

Henrique tinha-as levado naquele dia ao Museu de Arte Antiga e tinham admirado os famosos tripticos de Nuno Gonçalves. A adoração dos Magos, de Gregório Lopes, a Madona de Memling e a maravilha que é a Custódia de Gil Vicente, feita com o primeiro ouro trazido de fora pelos

(Continua na pág. 16)

PARA LER AO SERÃO

por MARIA PAULA DE AZEVEDO — Desenhos de GUIDA OTTOLINI

GENTE NOVA

Tinham passado tres meses sobre a partida de José Paulo para a América. Os rádios lacónicos e pouco frequentes do noivo, quase impessoais pelo estilo telegráfico em que eram redigidos, nada satisfaziam o coração apaixonado da noiva. Mas guardava para si essa triste impressão que a ninguem deixava transparecer. Só Cecília compreendia o seu sentir; mas como a irmã não desabafasse, nada lhe dissera ainda.

— O teu noivado é fòra do vulgar — resmungava o Avô.

— Realmente, o José Paulo podia escrever com o seu punho uma vez por outra, Tètè — disse-lhe Manuela, apreensiva sem saber de quê.

— Oh Mãe — protestou Francisca Tereza — a vida dele deve ser terrivel de trabalho; naturalmente quando chega à noite está exausto.

— Tu sabes em que consiste esse trabalho? — perguntou Jorge, trazendo-lhe o último rádio.

Francisca Tereza não respondeu; rasgou febrilmente o envólucro e leu alto:

— Vou para mais longe. Trabalho violento.

Ninguem disse nada; parecia que uma vaga de tristeza inexplicável invadia os ânimos... Pouco depois da partida de Rodrigo para a Africa, viera uma alegre carta de Domingas, falando das primeiras impressões de Itália.

«Ah, querida Tètè, que viagem deliciosa! e que maravilhoso porto é o de Génova! E' claro que, em grandeza, o da nossa Lisboa é superior; mas como movimento não se compara. O hotel em que estamos é na linda Via Carlo Felice; e já ontem demos um lindissimo passeio que nos encantou a ambos. Subimos num funicular até à Spianata del Castelletto, donde a vista sobre Génova é um encanto. Mas subindo mais alto ainda fomos até Castellaccio; e o panorama que desse forte se tem é verdadeiramente colossal! O porto, os jardins, as casas, a vegetação, tudo constitue uma vista maravilhosa e custou-nos a sair dali. Mas quantas e quantas ruinas a guerra deixou... O Rodrigo queria ir, naquela tarde em que tinha ainda tempo livre, ver o Campo Santo, e por isso tivemos que nos decidir a descer o monte. Se a palavra *estupendo* se pode aplicar a um cemitério, realmente é a este! Sob as enormes colunatas que circundam o jardim, que monumentos formidáveis em mármores de Carrara! E nalguns deles vimos uma estranha coisa: figuras em mármore representando pessoas da família dos mortos! A meio do jardim está uma bela estátua da Religião. Foi uma tarde bem aproveitada, esta; e queres crer que voltámos à noite a subir até à Spianata? O espectáculo da cidade com as suas luzes foi mais um prazer para nós e não se viam tanto as ruinas. E eu dormi como pedra em poço! Amanhã vamos para Roma, mas, infelizmente, só de passagem para Nápoles.

Esta interessante carta foi lida alto ao serão; e como lá estavam tambem as senhoras Villa Fresca, abundaram os comentários.

— A Domingas salvou-se por um triz — observou D. Ermelinda.

— E eu sei de fonte segura que o registo com o tal banqueiro esteve quase a fazer-se — disse D. Alzira.

— A Domingas é um carácter firme — declarou Francisca Tereza.

— Sim, sim, tudo isso é bonito de dizer-se — disse D. Ermelinda — mas as meninas hoje, com a ideia da fortuna,

deitam para trás muita coisa; e salta-se por cima do dever.

— Felizmente não foi assim com a Domingas, sr.ª D. Ernestina — respondeu Francisca Tereza com calma — ela gostava do José Oliveira, sabia que ele estava doido por ela, e tudo isso não contou perante o seu dever de católica.

— E tu, menina, para quando tens o casamento marcado? — perguntou D. Alzira, meliflua.

— Não está marcado ainda — respondeu Francisca Tereza.

— Vê lá se não ficas noiva muitos meses, filha, que isso não é bom! Podem chamar-te a sempre noiva... *e não chegares a casar.*

— Oh Alzira! — indignou-se Manuela.

— Era a brincar, era a brincar — disse a impertinente senhora.

— Agora a sério, Manuela. Encontrámos há dias a Margarida, (que é muito dos Ribeiro Sales, como sabes) e esteve a falar imenso do rapaz — tornou D. Ernestina, enquanto Francisca Tereza levantava a cabeça.

— Espero que só dissesse bem dele — respondeu Manuela.

— Não disse mal, isso não. Que tem sido valdevino isso todos sabem. Agora o que tem é a mania de ser milionário; ora, tendo a bela fortuna que era da mãe, para que havia de ir para cascos de rolhas meter-se em trabalhos?

— São feitios, mana — concluiu D. Ermelinda.

— Diz que a vida de hoje é uma espécie de... Como era que dizia a D. Margarida, ò Alzira?

— Espera, deixa ver se me lembro... Ah, já sei, diz que a vida de hoje é uma corrida de cavalos...

— De cavalos?! — exclamou Manuela.

— Não era isso, mana — acudiu D. Ermelinda.

— Era uma corrida... d'obstáculos, sim, d'obstáculos!

— E' verdade, é verdade — tornou D. Ernestina — e que quem não os souber ou não os puder saltar esbarra neles e cae: Deus me perdoe se entendo o que ele quer dizer com isto...

— Já um dia ouvi ao José Paulo essa interessante comparação — disse Jorge, sorrindo indulgente.

(Continua)

MARIA JÁ CASOU

— Muito gostei de te ver ontem naquele chá, Maria; mas admirei-me, confesso, que ficasses até tão tarde!

— E' verdade que fiquei; estava tão divertido. Todos animadissimos; a música estupenda, os bolos óptimos...

— E o Manuel não poude ir? Ou não gosta?

— Qual! O Manuel nunca está livre antes das sete, é verdade; mas a essa hora o que prefere é ir para casa.

— ...

— Bem vês, Marta, isso é bem natural: o dia todo a trabalhar, regala-se com a chegada a sua casa, ao seu socego, ao seu conforto...

— Acho naturalissimo, Maria; e com o meu homem dá-se tal qual a mesma coisa. Mas há uma enorme diferença, apesar de tudo...

— Qual é?

— A diferença está no que *eu* faço em vista disso. — Ouve-me, Maria, e não te zangues com as minhas observações: é possivel que te melindres com elas...

— Que ideia, Martha! Sei bem que tudo o que me dizes é, como dizem as célebres «pêgas» do Paço de Sintra, *por bem*.

— E é. Mas vejo em ti tanta inconsciência, às vezes, que me custa não falar...

— Não faço ideia nenhuma do que vais dizer-me!...

— Olha, começo já sem mais demoras. Tu sentes, Maria, quanto o Manuel aprecia o seu lar, a sua salinha, o seu conforto, a sua chegada a casa depois dum dia de trabalho...

— Isso lá, é dificil encontrar quem mais o aprecie!

— Mas julgas que lhe é agradável chegar a casa sem que tu estejas a recebê-lo, a acolhê-lo, a ver se ele precisa de alguma coisa, se está cançado, se sente bem, etc, etc.?

— Ah, Marta, o meu marido não é nenhum piegas, coitado; não julgues isso!

— Isso não são pieguices, Maria. E pensa a *sério* no que te digo. Se o marido, ao entrar em casa, encontrar as luzes acesas, a sala acolhedora, a mulher risonha a recebê-lo e a interessar-se pela sua chegada, tem uma impressão bem mais agradável, crê, do que chegar a uma casa vasia, onde ninguem o espera, ninguem o acolhe, sala imersa na escuridão, o silêncio por toda a casa...

— Nunca pensei nisso tudo, confesso!

— Pois deves pensar, querida. E, a não ser em casos especiais, fixa bem esta norma de *bem viver:* a mulher casada deve fazer o possivel por chegar a casa *antes* do marido...

CHÁ DA COSTURA

— Meninas, pensaram na Campanha Pascal? perguntou Clara.

— Oh meu Deus, nunca se pode estar descansada — declarou Joana, aborrecida.

— Qu'ideia, Jana: a Campanha Pascal não quer dizer canseira, nem aborrecimento...

— Nem despreocupação consciente! — gritou a irascivel Joana. — Está uma pessoa a projectar pândegas várias e lá vem a consciência (e é uma massadora a tal consciência) a resmungar: que fizeste tu para a Campanha Pascal? — Todas riram com gosto.

— E o resultado do resmungar da tua consciência? — Joana respondeu:

— Uma espiga, repito, uma espiga, mesmo!

— Conta, Joana!

— Fui tres dias seguidos a casa duma costureira serigaita que andava com ideias de se fazer protestante; e tanto falei, tanto conversei, tanto lhe dei a ler... que ela vai comigo à missa todos os Domingos, e cumpriu o preceito pascal!

— Bravo, Jana!

— Tinha resolvido dar férias a mim mesma, mas férias a valer: banir no mez de Abril todas as espigas. E afinal, por causa da consciência... foi tal qual o contrário! Pois se até resolvi, para dar o exemplo às colegas mais novas do que eu, não pôr «rouge» durante a Semana Santa!

Clara abraçou-a e disse, muito séria:

— Com os teus modos bruscos, Jana, tu ès a pèrola do rancho...

Joana còrou de prazer. Mas, troçando de si mesma, tornou:

— Não te iludas. Clara: tomara eu abafar a tal consciência e viver regalada sem pensar em nada de sério.

— Maior é o teu merecimento, Jana!

— Não sei disso, Clara. Sei que tenho muito que aturar à minha consciência, que é uma massadora e está sempre às turras com as minhas ideias: sempre!

— E no fim ficas contente e socegada? Joana sorriu e respondeu:

— Quando, por fim, desisto dos projectos tolos e vejo que fiz a vontade à consciência, sinto uma certa alegria... e um alivio colossal, valha a verdade!

Atenção! Raparigas da M. P. F. e queridas amiguinhas

Acaba de chegar a Lisboa o dr. Menezes Pinto. Homem de ciência muito distinto, que há uma dezena de anos, sob o desgosto da morte de sua mulher, partira para o estrangeiro com suas tres filhas, tendo passado esses anos quer em Paris, quer em Londres, quer em Washington, vem agora fixar-se em Lisboa.

— Que temos nós com isso? — perguntarão as minhas ricas leitoras, admiradas e, talvez, quem sabe? desdenhosas.

Teem mais do que pensam, queridinhas! pois o dr. Menezes Pinto tomou uma resolução que talvez as interesse. Resolveu esse simpático senhor na ideia de proporcionar às filhas, de 15 e 17 anos, (pois as duas mais novas são gemeas), um passatempo util e agradavel, dar um almoço mensal ao grupo das suas amigas, que são todas da M. P. F.; e a particularidade desse almoço é a seguinte:

1.º será sempre preparado por uma das meninas;

2.º escolher-se-à, prèviamente, o assunto das conversas e discussões;

3.º reinarà, durante essa refeição a mais esfusiante alegria, sem que seja consentida... a mais ligeira má lingua.

Não é bonito este programa? Não é original a ideia do dr. Meneses Pinto?

Já em Setembro se realiza a primeira reunião; e afirmo-lhes que as tres raparigas, Alexandra, Berta e Angélica, estão radiantes!

Alexandra e Berta teem quinze anos: são tão parecidas que todos as confundem! Apenas se não parecem nos temperamentos; pois enquanto Alexandra é estudiosa e grave, Berta não toma nada a sério... e mandreia quando pode.

Angélica é meiga e linda; mas um pouco indolente... A educação no estrangeiro deu-lhes ideias largas; mas ficaram sempre com a religiosidade sã e sólida que levaram de Portugal e a santa mãe que perderam lhes tinha incutido.

*Teem agora a viver com elas, a educa-las, a excelente Mademoiselle Sixte, lembram-se? a mesma senhora, tão boa e simpática, que educou a nossa amiga Maria Rita *.*

Que nome daremos a estas reuniões mensais??

Creio que não ficará mal:

CONVERSAS

Maria Paula de Azevedo

---

* Vidé *Maria Rita, solteira,* boletins n.ºs 62 a 73.

COMO E' SIMPÁTICO, BELO E ÚTIL O PAPEL DAS PROFESSORAS QUE COM AMOR E ENTUSIASMO COLABORAM NA GRANDE ORGANIZAÇÃO NACIONAL QUE E' A «MOCIDADE PORTUGUESA» FEMININA!

«Mocidade» dirigente, — Professoras primárias Directoras de Centros da M. P. F.

Camaradagem

(Continuação da pág. 4)

achou lindo o novelo de fumo preto e aquela grande coisa estranha, chamada comboio que fazia, tchim, tchim, tchim...

— Vamos Chiquinho!

Porem, o Chiquinho queria ver mais comboios. Agora já se via que aquilo era uma coisa viva, um brinquedo *grande*. E com a teimosia própria dos rapazinhos resistia, entrincheirado no seu campo.

«Este garoto, pensava a Ermelinda, é muito simpático mas teimoso como um verdadeiro homenzinho...»

A pobre Ermelinda decidiu-se pelo único estratagema possivel, prometeu-lhes «drops» para ele sair dali.

Deu um resultadão. O pensamento do petiz saltitou logo da pesada máquina para os papelinhos leves de mil cores que escondem lá dentro uma coisa boa.

Agora era forçoso comprar-lhe «drops».

Porem, surgiu o dilema. A Ermelinda sabia que não devia dá-los à criança, porque a sua amiga punha em prática na criação do irmãosito os conselhos que recebia nas aulas de puericultura. Mais de uma vez, lhe ouvira criticar com razão as mães e as criadas que estragam a saude aos pobres bébés, dando-lhes gulodices a toda a hora. Que outra o fizesse vá, ela, porem, não o faria. Estava decidido.

Entretanto, o Chiquinho exigia, tinha o direito de exigir e não era assim muito facil distraí-lo daquela ideia, mostrou-lhe os tlim-tlins, a água em salpiquinhos a saltar dos repuchos do Rossio... que mais? Nem ela sabia. Era pouco imaginativa, não estava acostumada a lidar com crianças.

— O Chiquinho qué dropes, o Chiquinho qué dropes.

Santo Deus! Como fazê-lo esquecer aquilo?

Meteram-se no primeiro «eléctrico» O Chiquinho ia surumbático, carrancudo, ameaçador, prometiam tempestade as duas lágrimas, guardas avançadas do dilúvio que apareciam já à beira dos precipícios.

— Tu não dás «dópes» ao Chiquinho?

— Fica para a outra vez, meu menino...

Oh! nunca o tivesse dito, nunca o tivesse trazido, nunca o tivesse prometido.

A tragédia desenvòlveu-se.

Muito nervoso, muito còrado, estremecia todo e murmurava:

— Qué...ér dó...pes tu...não prés...tas, és fei...a, má!!!

Os passageiros, entes egoistas, tinham gestos de quem se sente incomodado; as boas pessoas, porem, sentiam-se indignadas — coitadinha daquela criança. — Olhavam para a Ermelinda como para uma grande fera. Enfim!

Entregou-o à ama e enquanto a Ermelinda se desfazia em desculpas, o Chiquinho apoiava-se ao mimo da boa mulher e, todo arrogante com o dedito muito espetado, apontava para a criminosa:

— Não gosto mais dela, não *aquedito* mais nela, dixe que dava «dó...pes» ao Chiquinho.

Raparigas de ontem

(Continuação da pág. 13)

nossos navegadores, com o seu trabalho duma delicadeza única, e os esmaltes tão finos. As meninas habituadas a ver tanta coisa de arte com o conhecedor que era seu pai, não se cansavam de a contemplar, e mais tarde na sala conversavam e discutiam as maravilhas que tinham admirado.

— O que me encantou na custódia foi a harmonia — dizia Gabriela — que encantò observar os 12 apóstolos e ver que todos têm a cara e a expressão diferentes.

— O nosso Museu está verdadeiramente interessante e estás radiante de o ter visto antes de partir. E' preciso conhecermos o que é nosso.

— E crê que ha em Lisboa imensas senhoras e meninas que saem todos os dias e passam horas nas casas de chá e nunca puzeram os seus pés num dos nossos museus, disse Guida.

— Se tivermos tempo até terça-feira ainda as levarei ao Museu de S. Roque onde verão a maravilha do tesouro da capela de S. João Batista e os admiraveis paramentos, e depois iremos à Igreja da Madre de Deus que é uma maravilha de arte com os seus azulejos e talha doirada.

— Já a conhecemos, disseram as duas irmãs ao mesmo tempo, o pai levou-nos lá quando viemos passar o Natal a Portugal.

— E bem doente estava ele nesse dia, mas como se entusiasmou e nos comunicou o seu entusiasmo perante essa maravilha.

— Oh! Henrique você estava a brincar quando disse que as senhoras de Lisboa não conhecem todos os nossos tesouros artisticos.

— Não estava, Maria Luisa, posso assegurar-lhe que infelizmente poucas são as senhoras nesta cidade que se interessam pela Arte; pergunte à Guida a troça que as suas amigas lhe faziam, das nossas visitas a monumentos e museus, a que a mãe tão complacentemente se prestava acompanhando-nos, quando estávamos noivas e Guida veio a Lisboa tratar do enxoval.

— Isso desgosta-me, disse Gabriela, apesar de tanto ter vivido no estrangeiro sou como o pai e gosto de ver sempre as minhas compatriotas fazer boa figura.

— As coisas estão a mudar, disse Guida — e hoje já há muitas raparigas que se interessam pela Arte e visitam museus. Mas lembro-lhes queridas, que é tarde e amanhã temos de sair cedo para nos encontrarmos com o amigo do pai e tratar do bilhete da nossa viajante.

E beijando-se retiraram-se para os seus quartos não sem que todas tivessem ido espreitar à sua caminha, a pequenina que dormia serenamente.

Na terça-feira lá estavam todas na estação a despedir-se de Maria Luisa. Os amigos do senhor Menezes, um casal muito simpático e de meia idade, acolheram Maria Luisa com a ternura dos que não tiveram filhos e gostam de gente nova. Isto animava Gabriela que impressionadíssima com a separação da irmã se sentia muito triste e fazia o possivel para o ocultar à impulsiva rapariga. A' última hora de braço dado dizia-lhe:

— Maria Luisa vais ver todas as nossas amigas e beija Colette por mim e quando precisares dum conselho dirige-te ao Senhor de Millermaison que foi sempre um grande amigo do pai. Maria Luisa muito comovida nem poude responder.

Chegou a hora da partida e da janela do comboio ela dizia adeus a Gabriela, ambas tinham lágrimas nos olhos. Os olhos castanhos dourados e os olhos negros das duas irmãs, igualaram-se na comoção e, as duas iguais na maneira de vestir e tão diferente de aspecto e carácter, não largavam as suas mãos enluvadas da mesma côr.

O comboio partiu e até desaparecer no tunel as mãos de Maria Luisa acenaram num terno adeus.

E ela levava nos olhos e no coração o grupo da irmã, da tia Lota, de Guida e Henrique, que ao ombro tinha a pequenina, que alegremente acenava com os bracinhos, na inconsciência do que é uma separação.

Guida dava o braço a Gabriela. E assim partiu para essa viagem que ambicionava ao encontro de coisas novas e quem sabe talvez do seu destino, a rapariga de alma aventureira.

(Continua)

MARIA D'EÇA